



# Diálogos

<http://dx.doi.org/10.4025.dialogos.v24i1>

ISSN 2177-2940  
(Online)

ISSN 1415-9945  
(Impresso)

## A descrição de balarm (Palermo, Sicília) em *Kitab Ghara'ib al-funun wa mulah al-'uyun* (c. 1020), de autor anônimo

<http://dx.doi.org/10.4025.dialogos.v23i3.45073>

 Thomas Bonnici

Universidade Estadual de Maringá, Brasil. E-mail: [bonnici@wnet.com.br](mailto:bonnici@wnet.com.br)

<b>Palavras-chave:</b> <i>Kitab Ghara'ib</i> ; Balarm (Palermo); Sicília; século 11; ilha islâmica.	<b>A descrição de Balarm (Palermo, Sicília) em <i>Kitab Ghara'ib al-funun wa mulah al-'uyun</i> (c. 1020), de autor anônimo</b> <b>Resumo:</b> Esse estudo consiste numa tradução preliminar em Português do capítulo 12 do <i>Kitab Ghara'ib al-funun wa mulah al-'uyun</i> (Livro de curiosidades), sobre a Sicília e Palermo, exclusivamente durante o período islâmico. Todos os termos, lugares e locais de Balarm (Palermo) e Sicília mencionados no texto são explicados. Eles proporcionam ao leitor uma nova versão sobre a cidade nos primeiros anos do século 11, um pouco diferente daquela anteriormente dada por Ibn Hawqal no final do século 10.
<b>Key words:</b> <i>Kitab Ghara'ib</i> ; Balarm (Palermo); Sicily; 11 <sup>th</sup> Century; Islamic island.	<b>The description of Balarm (Palermo, Sicily) in <i>Kitab Ghara'ib al-funun wa mulah al-'uyun</i> (c. 1020), by anonymous author</b> <b>Abstract:</b> Current study consists of a preliminary translation in Portuguese of Chapter 12 of the <i>Kitab Ghara'ib al-funun wa mulah al-'uyun</i> (The Book of Curiosities), on Sicily and Palermo, exclusively during the Islamic Period. All terms, places and sites of Balarm (Palermo) and Sicily mentioned in the text are explained. They provide the reader with a new version on the city in the early years of the 11 <sup>th</sup> century, somewhat different from that previously given by Ibn Hawqal in the late 10 <sup>th</sup> century.
<b>Palabras clave:</b> <i>Kitab Ghara'ib</i> ; Balarm (Palermo); Sicilia; siglo 11; Isla islámica.	<b>la descripción del Balarm (Palermo, Sicilia) en <i>Kitab Ghara'ib al-funun wa mulah al-'uyun</i> (c. 1020), por autor anónimo</b> <b>Resumen:</b> Este estudio es una traducción preliminar en portugués del capítulo 12 del <i>Kitab Ghara'ib al-funun wa mulah al-'uyun</i> (Libro de curiosidades), sobre Sicilia y Palermo, exclusivamente durante el período islámico. Todos los términos, lugares y localidades de Balarm (Palermo) y Sicilia mencionados en el texto son explicados. Proporcionan al lector con una nueva versión sobre la ciudad en los primeros años del siglo 11, un poco diferente de la anteriormente dada por Ibn Hawqal en las finales de 10.
<b>Artigo recebido em:</b> 23/10/2018. <b>Aprovado em:</b> 14/02/2019.	

### **Informações preliminares sobre o manuscrito, o autor e o conteúdo**

Em 2002, a Biblioteca Bodleian da Universidade de Oxford, Reino Unido, adquiriu um manuscrito (atualmente MS Arab c.90), escrito em árabe, o qual descreve, entre outras coisas, a Sicília e, particularmente, Balarm ou Palermo uns quarenta anos antes do início da conquista normanda (c. 1061). O título do texto é *Kitab Ghara'ib al-funun wa mulah al-'uyun*, ou 'O livro de curiosidades das ciências e maravilhas para os olhos' e consiste num tratado de cosmografia, o qual contém a história e a topografia da Sicília no período exclusivamente islâmico (RAPOPORT, 2014; JOHNS, 2004). O manuscrito parece ser a única cópia desse tratado. Consiste em 48 folhas (96 páginas), medindo 324 x 245 mm cada, com texto, mapas geográficos e desenhos astronômicos. As páginas sem ilustrações têm 27 linhas de texto por página. O tratado inicia-se com uma dedicação a uma pessoa inominada e um sumário. Embora faltem os capítulos 8 e 9 do segundo livro e as últimas folhas do manuscrito e embora não haja nenhuma indicação sobre autor, lugar de composição e outros detalhes inerentes à sua confecção, exames preliminares sobre papel, caligrafia, tintas e pigmentos mostram que a cópia foi provavelmente feita no Egito ou na Grande Síria (*Bilad al-Sham*) no século 13 ou no início do século 14 EC. Algumas características sobre o autor podem ser constatadas: provável origem em Tinnis, no estuário do Nilo; familiaridade com o Mar Mediterrâneo, inclusive as regiões controladas pelos bizantinos (por ex. Chipre, o mar Egeu, Anatólia), o Egito, a Ifriqiya e a Sicília, durante a primeira metade do século 11; reconhecimento da autoridade fatímida (em poder em Ifriqiya a partir de 909 EC e reinantes no Cairo a partir de 973, até o encerramento da dinastia por Salah al-Din em 1171); conhecimento de fontes literárias gregas e árabes até meados do século 11 EC.

Evidências internas revelam que o tratado foi escrito antes de 1050 EC (*terminus post quem*). No capítulo 6 do segundo livro, menciona-se o grupo tribal de Banu Qurrah, o qual foi banido de Alexandria em 1051-1052 EC. Ademais, a Sicília é descrita como um emirado exclusivamente islâmico e, portanto, antes da invasão normanda em 1060 EC. Para o *terminus ante quem*, o último evento mencionado no texto é a construção de edifícios para os mercadores em Tinnis em 1014-1015 e a morte do governante fatímida do Egito Al-Hakim bi-Amr Allah em 1021 EC. Esses indícios mostram que, provavelmente, o tratado foi escrito após 1021 por um egípcio que conhecia bem o Mediterrâneo e a Sicília.

Como todos os livros cosmográficos islâmicos na Idade Média, o texto inicia com a descrição dos céus e suas influências sobre a terra e depois analisa a terra e as suas criaturas. O manuscrito, abundantemente ilustrado com mapas e figuras, está dividido em dois livros: o primeiro livro contém 10 capítulos dedicados ao firmamento; o segundo livro contém 25 capítulos sobre a Terra. As informações sobre a Sicília encontram-se no segundo livro, precisamente no capítulo 12,

às folhas 32a (texto) e às folhas 32b e 33a (mapa). Ademais, o capítulo 10 é um mapa do Mar Mediterrâneo com 107 ilhas, cada uma em formato circular, exceto Córsega e Sicília, as quais estão em formato retangular, com texto sucinto inserido no espaço interno. O texto contido no retângulo da Sicília diz que a ilha tem 15 *hisn* (fortalezas), distante seis dias de Ifriqiya e até duas milhas da Itália bizantina (Calábria). A ilha, medindo 20 (c. 120 km) por 10 (c. 60 km) *parasangas*, continua sendo uma base muçulmana para razias. Esta é mais uma evidência que o texto foi escrito no final do século 9 e no início do século 10 quando havia constantes incursões ao sul da península itálica a partir da Sicília.

Como foi mencionado em cima, o capítulo 12 consiste num texto (uma página) e um mapa (duas páginas). O texto é um resumo da descrição de Balarm feita por Ibn Hawqal em seu *Kitab al-Masalik wal-Mamalik* [O livro dos caminhos e das províncias] escrito após sua visita a Palermo em 973 EC. Porém, essa dependência é altamente problemática devido ao fato que outros autores ainda não identificados poderiam ter sido a fonte de alguns trechos. Ademais, muitos episódios derivados de Ibn Hawqal foram misturados e recolocados em outros lugares. Até vários erros e más interpretações foram incorporados a esse resumo. Por exemplo, o autor anônimo utilizou o texto de *Futuh al-Buldan*, de al-Baladhuri (m. 892 EC) para contar a conquista islâmica da Sicília, mas, estranhamente, registrou no lugar a história do emirado de Bari. Todavia, uma comparação entre os dois textos revela informação nova, provavelmente adquirida por experiência pessoal pelo autor anônimo. É relevante salientar que no período em que Ibn Hawqal esteve na Sicília (final do século 10 EC), a ilha estava no período após o apogeu kalbita sob Ja'far bin Muhammad, diferente do período em que foi escrito *Kitab Ghara'ib al-funun wa mulah al-'uyun*, após 1021, no período de declínio do poderio kalbita, a implosão do poder central e a existência de regiões dissidentes em c. 1044.

Indaga-se qual dos três textos de Ibn Hawqal foi utilizado pelo autor anônimo? Há três versões do texto de Ibn Hawqal: (1) os manuscritos de Leiden e Oxford de onde Michele Amari traduziu trechos publicados em sua *Biblioteca arabo-sicula*, em 1880-1881, e M.J. de Goeje publicou o *Kitab al-Masalik wa-l-mamalik/Viae et regna*, em 1873; (2) o manuscrito de Istambul, mais completo, desconhecido por Amari e Goeje, o qual foi traduzido e publicado por J.H. Kramers em 1938-1939 como *Opus Geographicum auctore Ibn Hawkal/Kitab Surat al-ard*, e mais tarde traduzido em várias línguas modernas; (3) o manuscrito de Paris, o qual parece ser um compêndio da primeira e da segunda versão, feito no século 12, publicado como *Kitab Surat al-ard/Configuration de la terre*, publicado por J.H. Kramers e G. Wiet em 1964. A descrição da Sicília encontrada em *Kitab Ghara'ib al-funun wa mulah al-'uyun* se deriva de uma versão (não conhecida) ainda mais completa do manuscrito de Istambul.

As diferenças mais relevantes entre o relato de Ibn Hawqal e o do autor de *Kitab Ghara'ib al-funun wa mulah al-'uyun* são duas, ambas topográficas. Ibn Hawqal escreve que o *Harat al-Saqaliba* (o Bairro dos Eslavos), ao norte de *al-Qasr al-qadim* (Panormos antiga), não tinha muros ao seu redor (AMARI, 1880); o autor anônimo afirma que havia “um bairro chamado *Harat al-Saqaliba*, o qual não tinha muralha [...] [mas agora] o *Harat al-Saqaliba* possui uma muralha havia quarenta anos”, ou seja, o muro foi construído c. 1010 EC. A segunda adição do autor anônimo refere-se ao um trecho, presumivelmente original, informando que “A cidade tinha um formato alongado, com lojas se estendendo do leste ao oeste; tornou-se com formato arredondado somente após ser ulteriormente construída. Há cinquenta anos adquiriu um novo bairro, chamado *al-Ja'fariyya*, onde atualmente tem 10,000 casas”. Nenhuma outra fonte menciona o bairro de *al-Ja'fariyya*. Provavelmente o nome desse novo bairro se deriva do emir Ja'far ibn Yusuf que governou a Sicília entre 998 e 1019 EC, conhecido como grande construtor de obras públicas.

Esse artigo traz pela primeira vez em português o texto do capítulo 12 de *Kitab Ghara'ib al-funun wa mulah al-'uyun*, com anotações. O estudo focaliza o texto sobre a Sicília e Palermo em *Kitab Ghara'ib al-funun wa mulah al-'uyun*. É muito importante salientar que os estudos sobre o manuscrito e o texto são ainda preliminares e, com o tempo, outras e diferentes leituras podem ser aventadas e outras ainda corrigidas. Numa outra ocasião faremos uma análise detalhada do mapa da Sicília e de Palermo (fl. 32b e 33a), o qual problematiza o texto traduzido a seguir.

### Tradução do texto referente à Sicília/Palermo

**Tradução do capítulo 12 de *Kitab Ghara'ib al-funun wa mulah al-'uyun* (c. 1020), MS Arab c. 90 Bodleian Library, Oxford, Reino Unido, referente à Sicília, e uma descrição de Palermo (fl. 32a), com notas.**

1. A ilha da Sicília é a maior ilha<sup>1</sup> entre todas as outras que pertencem aos Muçulmanos; é a mais nobre ilha devido às suas continuas expedições militares contra o inimigo<sup>2</sup> – que Allah o abandone<sup>3</sup> – e aos esforços incessantes perpetuados pelo seu povo e pelos seus governantes<sup>4</sup>.

2. A distância de uma extremidade à outra da ilha é de sete dias<sup>5</sup>; contendo montanhas, castelos e fortalezas. A capital, cujo nome é Balarm<sup>6</sup>, está circundada de muralhas enormes, altas e

<sup>1</sup> Um dos mapas (f. 30b-31a) reproduzidos em *Kitab Ghara'ib al-funun* mostra todas as ilhas (em formato circular) no Mar Mediterrâneo. Somente o nome dentro do círculo identifica as ilhas.

<sup>2</sup> Um dos deveres cruciais do muçulmano é praticar o *jihad*, a luta contra os ‘infiéis’ ou cristãos. Nesse contexto, são os Bizantinos, os Rum, que ocupavam a Sicília entre 535 EC e o século 9 EC, e ainda dominavam a Calábria. Essa frase é um indício interno da provável data do texto, quando a Sicília era exclusivamente islâmica.

<sup>3</sup> É uma frase (ou similar) corrente em textos árabes medievais, desejando o aniquilamento dos cristãos.

<sup>4</sup> Provavelmente o termo *wiladatiha* (pelos seus filhos) no texto deve ser lido *wulatiha* (pelos seus governantes)

<sup>5</sup> Ibn Hawqal também considera o comprimento e a largura da ilha em sete e quatro dias de caminho, respectivamente.

<sup>6</sup> Balarm é *al-Qasr al-qadim*, a Neapolis bizantina, conquistada em 535 EC pelo general bizantino Belisarios (505-565 EC), que a tomou do Reino Ostrogodo da Itália.

inexpugnáveis. Nela residem os mercadores. No passado, havia um santuário onde se conservava [um ataúde de] madeira que foi muito estimado pelos cristãos, para o qual dirigiam orações para a chuva<sup>7</sup>.

3. Perto de Balarm encontra-se uma cidade chamada al-Hulasa<sup>8</sup>: essa cidade é circundada por muralhas e tem quatro portas<sup>9</sup>. Na Sicília há também um bairro chamado Harat Masjid Ibn Saqlab<sup>10</sup>, e outro bairro chamado Harat al-Saqaliba<sup>11</sup>, o qual não tinha muralha<sup>12</sup>. A grande maioria das lojas de Balarm está entre [o bairro da] Mesquita de Ibn Saqlab e o Harat al-Jadida<sup>13</sup>. Todas as lojas se encontram fora dos muros, com exceção [das lojas] dos vendedores de cereais, dos açougueiros, dos vendedores de legumes e das frutas. O Harat al-Saqaliba possui uma muralha havia quarenta anos<sup>14</sup>. Há na cidade aproximadamente cento e cinquenta açougues e muitas mesquitas<sup>15</sup>. Há muitas fontes de água, como al-Qadus<sup>16</sup>, na parte sul, al-Fawwara al-Sajira<sup>17</sup>, al-Bayda<sup>18</sup>, al-Jirbal<sup>19</sup> e ‘Ayn Abi Malik<sup>20</sup>.

<sup>7</sup> O santuário é a antiga catedral bizantina sobre a qual foi construída a mesquita congregacional principal na época aglábida em *al-Qasr al-qadim*. O ataúde suspenso do teto da basílica bizantina deve ser uma espécie de relíquia de algum personagem santo venerado pelos Rum, a quem lhe dirigiam orações em tempos de seca e de carestia.

<sup>8</sup> Leia-se *Khalisa* (a ‘eleita’ ou a sede do poder), o bairro-fortaleza, fora de *al-Qasr al-qadim* e perto do porto. A *Khalisa*, construída pelo emir Khalil ibn Ishaq ibn Ward Abu l-Abbas (937-941) em 937 EC, para a segurança do emir fatímida, abrigava o emir, seus familiares e escravos. Era o centro administrativo, provavelmente contendo um incipiente *diwan*. O mapa da Sicília em *Kitab Ghara’ib al-funun* mostra um desenho à esquerda, mais ao nordeste, de um edifício encimado de uma cúpula. Devido à frase (*qasr al-sultan wa-sakanu-hu wa-‘abidu-hu* [a fortaleza do emir, sua residência e seus escravos]) perto do desenho, presume-se que seja uma representação da *Khalisa*. Não se sabe o local preciso onde se erguia a *Khalisa*; todas as intervenções arqueológicas até agora empreendidas foram negativas.

<sup>9</sup> Al-Muqaddasi menciona as quatro portas: *Bab Katama* (Porta da tribo Kutama), *Bab al-Futuh* (Porta das Conquistas), *Bab al-Bunud* (Porta das Bandeiras) e *Bab al-Sin’a* (Porta do Arsenal) (AMARI, 1881, p. 671)

<sup>10</sup> O Bairro da Mesquita de Ibn Saqlab se encontrava no sudeste de *al-Qasr al-qadim* (DE SIMONE, 2000a).

<sup>11</sup> O Bairro dos Eslavos/Escravos europeus, *ma’a l-sur* (com seu muro), é situado ao norte/nordeste de *al-Qasr al-qadim*, além do rio Papireto, estendendo-se até o Castel al Mare.

<sup>12</sup> Como o texto diz que o muro ao redor do *Harat al-Saqaliba* foi construído havia quarenta anos, segue-se que isso ocorreu c. 1013, durante o governo de Ja’far ibn Abu al-Futuh Yusuf ibn ‘Abd Allah, intitulado Taj al-Dawlah, reconhecidamente um grande construtor.

<sup>13</sup> O Bairro Novo, entre o Harat Masjid ibn Saqlab e o Wadi ‘Abbas (rio Oreto).

<sup>14</sup> Veja nota 12.

<sup>15</sup> Parece que havia uma mesquita congregacional sunita no *al-Qasr al-qadim* e uma outra mesquita menor, mas bem frequentada, *shi’ita*, na *Khalisa*. Todavia, multiplicavam-se as mesquitas domésticas, ou seja, existiam muitas mesquitas pequenas, acopladas às casas, esparramadas em toda a região de Balarm. Apesar desse grande número de mesquitas na literatura, nenhum lugar arqueológico em Balarm pode ser indicado como sítio de uma mesquita aglábida ou fatímida.

<sup>16</sup> Conforme o texto e o mapa, *‘Ayn al-Qadus* (Nascente do tubo condutor) fica ao sul de Balarm. É importante insistir que a confirmação das localidades do texto pelo mapa não é um método confiável no *Kitab Ghara’ib al-funun wa mulah al-‘uyun* devido ao fato que a representação de Balarm e de sua região praticamente ocupa todo o interior da Sicília. Portanto, a localização toponímica continua incerta ou errônea em muitos casos.

<sup>17</sup> *Fawwara al-sagira* (Nascente Pequena): a qual a legenda do mapa diz que essa nascente está mesclada com a *Fawwara al-kabira* (Nascente grande) ou San Ciro-Maredolce, 5 km a leste de Palermo.

<sup>18</sup> *Al-Bayda* [A branca, talvez devido a jazidas de magnésio] é uma nascente de água (e uma aldeia) uns 5 km a oeste-norte-oeste de Palermo.

<sup>19</sup> *Al-Jirbal* [a nascente da montanha Gabriel] é outra nascente de água que o mapa descreve com muitos moinhos. A legenda do mapa diz que a água da nascente, boa e abundante, flui ao oeste.

<sup>20</sup> *‘Ayn Abi Malik* [A nascente de Abu Malik]. No mapa, essa nascente está situada quase no litoral palermitano, ao leste, e a legenda diz: A nascente de Abu ‘Ali é abundante. [...] com água conduzida [?] no meio do bairro [?]. Poderia ser Aynibileli ou Ambleri no setor sudoeste de Palermo.

4. Os educadores<sup>21</sup> são tão numerosos que cada escola tem dois, três, quatro ou cinco; isso se deve ao fato que os educadores não têm nenhum outro dever; a guerra santa<sup>22</sup> não lhes é um dever, nem o é para o resto da população.

5. A rudeza e litigiosidade são características da população<sup>23</sup>. Alguns casam com mulheres dos vizinhos, os autóctones ou os bizantinos da ilha<sup>24</sup>, com a condição que os meninos mantêm a religião do pai e as meninas a da mãe<sup>25</sup>.

6. Segundo al-Haluqi<sup>26</sup>, os ricos raramente possuem vinte mil *dinars*<sup>27</sup>, a receita máxima arrecadada de todos os impostos<sup>28</sup>, ou seja, a quinta<sup>29</sup>, os impostos das colheitas<sup>30</sup>, o imposto sobre

<sup>21</sup> Esses *mu'addib* eram os educadores sunitas ou docentes corânicos, afastados de seu cargo nas mesquitas pelo fatímidas ou pelas autoridades *shi'itas*. Contaminado pelo preconceito fatímida, o autor denuncia a ociosidade dos *mu'addib* sicilianos que fugiam de sua responsabilidade de propagar o Islã aos infiéis (cristãos) na vizinha *dar al-harb* (a península itálica cristã). Ibn Hawqal denuncia os *mu'addib* nos *ribat* (METCALFE, 2012) nas áreas litorâneas como pessoas hipócritas, más e provocadores. Os sunitas sicilianos reverenciavam esses educadores pela sua santidade e não pelo seu engajamento ao *jihad*. Portanto, aos olhos do autor de *Kitab Ghara'ib al-funun wa mulah al-'uyun*, as escolas islâmicas sunitas e os *ribat* eram covis de sunismo onde se planejavam ações contínuas contra o domínio fatímida da Sicília.

<sup>22</sup> O *jihad* é um dos deveres do muçulmano, ou seja, a guerra santa para expandir as fronteiras do Islã pela conquista de territórios cristãos, realizada na invasão da península ibérica em 711 EC e depois na Sicília em 827 EC.

<sup>23</sup> Mais uma vez, o autor de *Kitab Ghara'ib al-funun wa mulah al-'uyun*, imitando seu predecessor Ibn Hawqal, mostra seu preconceito contra os sunitas sicilianos, transferindo a rudeza e a litigiosidades de alguns para toda a população. Ibn Hawqal detalha mais esses conceitos, alegando a ignorância do povo siciliano devido ao excessivo consumo de cebola.

<sup>24</sup> A invasão do *jund* aglábida em Mazara em 827 EC com a subsequente ocupação muçulmana, especialmente no território oeste e centro-oeste da Sicília, provocou uma mudança radical nos costumes sociais, políticos e religiosos da ilha. A maioria dos sicilianos (cristãos de rito bizantino) ou foi massacrada, ou fugiu e deixou suas terras, as quais formaram o butim repartido entre os generais árabes, os soldados berberes e seus familiares. Quem permaneceu na terra se arabizou e se islamizou para fugir do massacre ou para ficar isento dos impostos que os muçulmanos exigiam dos *ahl al-kitab* (os Povos do Livro: cristãos e judeus) em troca de sua proteção.

<sup>25</sup> Uma das graves acusações do *shi'ita* Ibn Hawqal é a heterodoxia praticada pelos muçulmanos sicilianos. Além de não darem esmola, observarem a pureza ritual e recusarem de participar do *jihad* ou fazerem a peregrinação a Meca, os muçulmanos sicilianos são acusados de práticas religiosas diferentes de todo tipo de Islamismo ou de outra crença. O autor anônimo, também com tendências fatímidas, revela o matrimônio híbrido entre muçulmanos e cristãos e a educação diferenciada de meninos e meninas, contrárias aos princípios islâmicos. O termo usado por Ibn Hawqal é '*al-musha'midun*', geralmente traduzida por 'bastardos'. Todavia, nada se sabe da derivação nem da semântica desse *hapax legomenon* no árabe.

<sup>26</sup> Leia-se Ibn Hawqal.

<sup>27</sup> Como Ibn Hawqal, o autor anônimo de *Kitab Ghara'ib al-funun wa mulah al-'uyun* registra, num texto problemático, que individualmente os muçulmanos sicilianos ricos não possuem mais de vinte mil *dinars* cada, ou seja, a riqueza deles é limitada. Nenhum deles, afirma Ibn Hawqal, tem uma bolsa cheia de moedas de ouro ou que a tenha visto.

<sup>28</sup> Nesse texto problemático, a receita de todos os impostos (*qanun*, pl. *qawanin* > greg. *kanónes*) da Sicília chega a ser muito grande devido às várias taxas sobre os produtos. Enquanto *Kitab Ghara'ib al-funun wa mulah al-'uyun* dá um total de vinte mil *dinar*, Ibn Hawqal deixa uma lacuna no texto referente à soma. Salienta-se que, mais que os aglábidas, os fatímidas/kalbitas organizaram melhor os impostos na Sicília, seguindo o rito *shi'ita* e, embora estimulando muito ódio e lutas entre os habitantes, aumentaram a arrecadação total do emirado. Apesar de escassa evidência, parece que, desde o período aglábida, mas mais ainda durante o período kalbita, houve uma espécie de administração central de impostos em Balarm, hierarquizada desde o *sahib al-khums* até em nível local das aldeias, envolvendo registros de terras com sua extensão, limites e variação de impostos (JOHNS, 2007).

<sup>29</sup> O imposto, chamado *khums* (quinta), era o imposto sobre terras adquiridas por conquista. A partir de 910 EC, o *sahib al-khums* (o responsável pela quinta), foi instalado para recolher um quinto das taxas de todas as entradas de produtos (HALM, 1996). Esses homens eram odiados, e frequentemente assassinados. Em 911-912 EC, os muçulmanos de Palermo se revoltaram contra o emir Ibn Abi Hinzir porque oprimia o povo, exigindo impostos pesados; em 913 EC, o *sahib al-khums* foi morto na revolta contra impostos (JOHNS, 2007; METCALFE, 2012).

<sup>30</sup> No século 10, o imposto das colheitas (*mustajallat*) era uma taxa fixa sobre terra arada, independente do volume da colheita. Em seus relatos, Al-Athir e Al-Nuwayri (AMARI, 1881) afirmam que a reforma que al-Hasan ibn Muhammad al-Bagha'i, o *sahib al-khums* de Ja'far ibn Yusuf, queria fazer era aplicar, sem sucesso, um imposto sobre a colheita, pelo qual arrecadaria mais dinheiro.

o vinho<sup>31</sup>, o imposto por pessoa<sup>32</sup>, os direitos sobre o mar<sup>33</sup>, os tributos da Calábria<sup>34</sup>, os direitos da pesca<sup>35</sup>, – chegam a vinte mil *dinars*<sup>36</sup>. Acrescenta-se a isso a falta de gentileza para com os mercadores que chegam à ilha e que necessitam de ajuda<sup>37</sup>. Todavia, é da natureza inata [dos sicilianos] que são grossos e intelectualmente pobres<sup>38</sup>. Frequentemente a colheita apodrece no terreiro antes de ser armazenada nos silos<sup>39</sup>.

7. As lojas atravessam [Balarm] de leste ao oeste numa avenida chamada al-Simat<sup>40</sup>, pavimentada com pedras. Ela [Balarm] é circundada de várias nascentes que fluem do oeste ao leste, as quais movimentam os moinhos<sup>41</sup>. A água potável para os habitantes da cidade e dos bairros vem das nascentes ao redor de Ard al-Rabad<sup>42</sup> até ‘Ayn Sifa. A água dos residentes de al-Halisa e

<sup>31</sup> Ao imposto sobre o vinho, *mal al-lutf*.

<sup>32</sup> O imposto *jawal* ou *jizya* poderia ser cobrado sobre indivíduos, sobre a terra ou sobre a coletividade independentemente de qualquer avaliação cadastral. Antes de c. 902 EC, a *jizya* foi um tributo coletivo aplicado sobre a população do leste siciliano como reconhecimento da superioridade militar muçulmana e como proteção contra razias islâmicas. Parece que durante o período fatímida/kalbita, a *jizya* era um imposto aplicado também sobre importação de mercadorias (também chamada ‘*ushr* ou *khums*) (JOHNS, 2007).

<sup>33</sup> Havia impostos sobre direitos marítimos (*bahr*), como uso de portos, ancoragens, travessias, escalas na navegação.

<sup>34</sup> Tributos da Calábria (*al-hadiyya*) eram impostos exigidos das comunidades cristãs protegidas pelos muçulmanos em *al-'ard al-kabira* ou Qillawriya, o *thema* bizantino de Kalavría. Os muçulmanos nunca tiveram cidades islâmicas consolidadas na Calábria. O sul da península itálica era um lugar para auferir escravos e butim rapidamente. As comunidades bizantinas que aceitavam pagar imposto eram isentas dessas razias.

<sup>35</sup> Direitos de pesca (*al-qabalat li l-suyud*), especialmente as *tonnare* (literalmente, armadilhas para a captura do atum) compreendiam as taxas sobre local, barcos, colheita e outros itens envolvidos nessa atividade altamente relevante na economia siciliana.

<sup>36</sup> Veja nota 28.

<sup>37</sup> Pode ser que a última frase ‘*ila birrihim*’ (que necessitam de ajuda) seja lida ‘*ila burrihim*’ (que necessitam de trigo). O autor se queixa da falta de gentileza dos sicilianos para com os mercadores estrangeiros que sempre precisam de ajuda ou de fazer compras numa país estrangeiro. Ibn Hawqal (DE SIMONE, 2000b, p. 126-127) detalha que “os sicilianos [...] não observavam os direitos e as obrigações das transações [comerciais] [...] tratando abominavelmente os estrangeiros e os viajantes que chegam [...], adotando esses modos de seus compatriotas, os quais detestam igualmente os comerciantes e os estrangeiros que se dedicam ao comércio, a um nível que não se encontra em nenhuma outra população bárbara no mundo, nem entre os habitantes rudes das montanhas. Enquanto isso, as importações lhes são de interesse vital e necessitam urgentemente da chegada de comerciantes”.

<sup>38</sup> Mais uma vez, percebe-se o preconceito fatímida contra os sicilianos sunitas, os quais são chamados rudes e ignorantes. Segundo Ibn Hawqal (DE SIMONE, 2000b), isso é devido à cebola que eles comem.

<sup>39</sup> Ibn Hawqal faz referência à prosperidade quando chegou à ilha em 973 EC. Porém, algum tempo depois, sentia que havia escassez de mantimento devido a colheitas ruins. Reparou que estava muito úmido de tal forma que o trigo apodrecia nas eiras antes que pudesse ser recolhido. Ao adotar o preconceito fatímida contra os muçulmanos sicilianos sunitas, o autor anônimo de *Kitab Ghara'ib al-funun wa mulah al-'uyun*, derivando seu texto do livro de Ibn Hawqal (DE SIMONE, 2000b, p. 127), comentou um fato quase semelhante sobre a improvidência dos sicilianos.

<sup>40</sup> A grande avenida, denominada *simat*, foi mencionada na carta do monge Theodosios na descrição do desfile de prisioneiros siracusanos em 878 EC (CRAWFORD, 1900). Ibn Hawqal a descreve como uma avenida pavimentada (*al-balat*) que passa no sentido leste-oeste de Balarm (hoje Corso Vittorio Emanuele II), com lojas nos dois lados, ou seja, numa linha reta de Bab al-Riyad até Bab al-Bahr e o porto. *Al-Simat*, portanto, é a avenida principal, com acesso à mesquita sunita, à esquerda, em plena atividade comercial nos períodos aglábida e fatímida/kalbita. Estranhamente, Ibn Hawqal não menciona a grande *masjid jami* sunita em relação a *al-simat*; o cronista a localiza na grande avenida de Balarm, alguns metros de uma casa de um amigo. Até o presente, as escavações nada renderam dessa centenária avenida pavimentada, a não ser o seu traço atravessando o *al-Qasr al-qadim* até o mar.

<sup>41</sup> O autor de *Kitab Ghara'ib al-funun wa mulah al-'uyun* registra uma lista de fontes d'água e riachos que circundam *al-Qasr al-qadim* onde situam-se vários moinhos para a trituração do trigo em farinha e para a irrigação das plantações, hortas e jardins. Segundo al-Muqaddasi (AMARI, 1880), os muçulmanos também introduziram tecnologias hídras para a condução da água corrente através de *qanat* (canais), por *qadus* (condutores de cerâmica), para as *jabiya* (cisternas ou poços) para o consumo próprio e de seus animais (BRESC, 1972; MAURICI, 1995; TODARO, 2002).

<sup>42</sup> Johns (2004) alega erro de copista referente a esses nomes. A frase, portanto, deveria ser lida “de Bab al-Riyad até Bab ‘Ayn Shifa’”. *Bab al-Riyad* (Porta dos Jardins) fica perto do Palazzo dei Normanni (o palácio principal de Rogério

dos bairros vem dos poços em suas casas<sup>43</sup>. A água dos residentes de al-Mu‘askar<sup>44</sup> vem da nascente chamada al-Jirbal<sup>45</sup>, ‘Ayn al-Tis<sup>46</sup>, menos abundante da de al-Jirbal, ‘Ayn Abi Sa‘id<sup>47</sup> e ‘Ayn Abi ‘Ali<sup>48</sup>.

8. Referente ao *al-Qasr al-qadim*<sup>49</sup>, o qual é o mesmo que a cidade antiga, e às suas portas: a [porta] mais famosa é Bab al-Bahr<sup>50</sup>, devido à sua proximidade do mar; ao lado dela, há Bab Abu l-Husayn Ahmad ibn Hasan ibn Abi l-Husayn<sup>51</sup>. Depois há Bab Santagata<sup>52</sup>, uma porta antiga; uma

---

II), enquanto *Bab al-Shifa* (Porta da Saúde) fica no lado norte de *al-Qasr al-qadim*. Provavelmente há indícios dessa porta no interior de um pátio na atual Via Venezia.

<sup>43</sup> O autor anônimo e Ibn Hawqal registram a existência de poços (*bir*) domésticos de todos os bairros, inclusive *al-Khalisa*, para o abastecimento de água potável para a população. Di Stefano (1991) registra indícios arqueológicos de poços (predominantemente de boca quadrada) que vão desde a região próxima ao Museo Archeologico Regionale Antonio Salinas, ao Chiostro di S. Domenico e ao sítio do mosteiro Santissima Trinità-Magione, perto do lugar onde alegadamente se encontrava *al-Khalisa*.

<sup>44</sup> O texto traz a palavra *al-‘usr*, o qual deve ser um erro do copista do manuscrito (Johns, 2004). *al-Mu‘askar* (o acampamento ou alojamento militar) situa-se na região oeste de e também fora das muralhas de *al-Qasr al-qadim*, atrás do *Harat al-Saqaliba*, na atual área chamada Denisinni. O posicionamento do *al-Mu‘askar* indica a política de centralização comandada pelo *jund* na absoluta dominação fatímida da Sicília. Se realmente a nova organização de Balarm fatímida foi concebida tendo o modelo de Mahdiyya, a capital fatímida na Tunísia, com seus agregados al-Mahdiyya, Rabad al-Hima e Madinat al-Zawila, faz sentido a existência de *al-Mu‘askar* nesse complexo da capital do emirado da Sicília.

<sup>45</sup> ‘Ayn al-Jirbal ou ‘Ayn al-Gharbiel (Nascente/Riacho da Peneira) fica atualmente uns 5 km ao oeste de Palermo, perto de Boccadifalco, um dos aeroportos da cidade. Ibn Hawqal (DE SIMONE, 2000b, p. 120) afirma que “o riacho *al-Jirbal*, o qual nasce de uma montanha ao leste da cidade (Balarm) e flui para o oeste, tem água boa e abundante”.

<sup>46</sup> ‘Ayn al-Tis (Riacho das nove mulheres), menos abundante que a ‘Ayn al-Jirbal.

<sup>47</sup> ‘Ayn Abi Sa‘id, menos abundante que ‘Ayn al-Tis. Segundo Amari (1854), pode ser que o nome Denisinni, uma área da cidade Palermo atual, a oeste de *al-Qasr al-qadim*, seja uma corruptela de ‘Ayn Abi Sa‘id.

<sup>48</sup> ‘Ayn Abi ‘Ali (895-896 EC), um dos últimos emires aglábidas de Balarm.

<sup>49</sup> *al-Qasr al-qadim*, mencionada pelo autor de *Kitab Ghara‘ib al-funun wa mulah al-‘uyun*, compreendia a *paleópolis* (a cidadela fortificada/acrópole ou *Galka*, jamais referida como distinta do resto da cidade pelos autores árabes) separada da *neópolis* (denominada *Cassarò*) por um muro interno, provavelmente já existente na época púnica e romana (DIODORUS SICULUS, 1957). Embora não haja provas documentárias ou arqueológicas, pode ser que nesse lugar houvesse o palácio do emir aglábida (831-910 EC) e os outros edifícios governamentais antes que os fatímidas construíssem a *Khalisa* em 937 EC e transferiram a sede do governo fora das muralhas de *al-Qasr al-qadim*. Na época da redação do texto, porém, Balarm consistia em *al-Qasr al-qadim* e todos os bairros que estavam sendo construídos na época aglábida e nos períodos fatímida e kalbida (SPATAFORA, 2004).

<sup>50</sup> A porta mais famosa foi *Bab al-Bahr* (Porta do Mar), identificada com a Porta dei Patitelli (provavelmente o nome se deve às oficinas que fabricavam sapatos baratos), atualmente perto da Piazza Caracciolo (DE SIMONE, 2000a), e demolida em 1564 para retificar a *simat* (atualmente Corso Vittorio Emmanuel II) além do *al-Qasr al-qadim* até a Piazza Marina (CASAMENTO, 2000). A porta, uma das intervenções de Ahmad ibn al-Hasan (960-969 EC), dava acesso ao *simat* diretamente do porto de Palermo, a leste, como atestava uma inscrição em cúfico, da segunda metade do século 10, que a adornava. Amari (1854) descreve um desenho do séc. 16 EC que havia dessa porta importante, interpretando a data como 360 H (970 EC), e dois versos corânicos, ou seja uma outra intervenção no período kalbita.

<sup>51</sup> Bab al-Shifa foi construída por Abu l-Husayn Ahmad ibn Hasan ibn Abi l-Husayn (no manuscrito se lê: Ahmad ibn Abi l-Hasan Ahmad ibn Abi l-Husayn)(954-969 EC), o segundo emir kalbita, talvez em resposta ao rescrito de 966-967 de al-Mu‘izz sobre o fortalecimento das defesas urbanas. Ibn Hawqal (DE SIMONE, 2000b, p. 119) afirma que o emir ouviu as queixas da população e construiu essa porta entre ‘Ayn Shifa e o rio Papireto (também chamado rio Ruta). Essa porta já foi chamada de Porta Escura e ficava onde hoje é Piazzetta delle Vergini. Ibn Hawqal ainda diz que há muitos moinhos d’água ao longo do barranco do rio Papireto.

<sup>52</sup> Bab Santagata, construída no séc. 10, ficava no lado norte de *al-Qasr al-qadim*. A toponímia deve ser pré-árabe. Talvez por isso, Ibn Hawqal (DE SIMONE, 2000b, p. 119) a chama de “muito antiga”. Tradicionalmente, os normandos entraram em Balarm por essa porta em 1071. O culto de Santa Ágata (m. 251 EC), autóctone em Catânia, foi celebrado na Igreja Bizantina predominante na Sicília pré-árabe (OLDFIELD, 2017). Apesar da transformação de Palermo numa cidade islamizada, havia tênues indícios de cristianismo bizantino em Palermo mesmo durante o período estritamente muçulmano (METCALFE, 2012) e *Bab Santagata* pode ter sido uma reminiscência toponímica de Panormos bizantino.

porta<sup>53</sup> construída por Ahmad ibn al-Husayn, perto de uma nascente que movimenta muitos moinhos; uma porta chamada Bab Ibn Qurhub<sup>54</sup>; Bab al-Abna<sup>55</sup>, a qual é a mais antigas de todas as portas; Bab al-Sudan<sup>56</sup>, frente aos ferreiros; Bab al-Hadid<sup>57</sup>, da qual sai para o Harat al-Yahud<sup>58</sup>; e uma outra porta, ao lado, construída por Abu l-Husayn<sup>59</sup>. São nove portas em tudo<sup>60</sup>.

9. A cidade tinha um formato alongado, com lojas se estendendo do leste ao oeste; tornou-se com formato arredondado<sup>61</sup> somente após ser ulteriormente construída. Há cinquenta anos adquiriu um novo bairro, chamado al-Ja'fariyya<sup>62</sup>, onde atualmente tem 10,000 casas.

<sup>53</sup> Bab Ruta, construída por Ahmad ibn al-Husayn, deriva seu nome do rio Ruta ou Papireto, alimentado da nascente 'Ayn abi Sa'id (Danisinni) e que se abre ao atual Caserma della Legione dei Carabinieri, perto do Palazzo dei Normanni.

<sup>54</sup> Ibn Hawqal (DE SIMONE, 2000b, p. 120) registra que, como Bab ibn Qurhub (em homenagem a Utman ibn Qurhub, o conquistador de Balarm em 831 EC) estava num lugar pouco fortificado, Balarm era atacada com frequência a partir desse ponto e os habitantes expostos aos perigos dos inimigos. Abu al-Husayn Ahmad ibn Hasan, portanto, a fechou e construiu ao lado o Bab al-Riyad (Porta dos Jardins), pouco antes da visita do viajante iraquiano (D'ANGELO & ZORIC, 2002).

<sup>55</sup> Registrada como a mais antiga das portas de *al-Qasr al-qadim*, Amari (1880) traduziu Bab al-Abna como Porta dos Jovens ou Filhos. Adalgisa De Simone (2000a, p. 85) a traduziu como Porta dos Edifícios (*abna*, forma dialetal de *abniya*, plural de *bina*). Entre 1984 e 1986, a arqueóloga Rosalia Camerata Scovazzo (1990) descobriu em baixo da Sala del Duca de Montalto, Palazzo dei Normanni, um antigo trecho de muro com uma pequena porta, identificada como *Porta Aedificiorum* ou *Bab al-Abna* de Hawqal, ao ângulo sul do Palazzo dei Normanni. Todavia, há muita discussão referente à localização dessa porta (LUNGO, 2014; CASSATA & COSTANTINO, 1981; MAURICI, 1992; D'ANGELO, 2012).

<sup>56</sup> Bab al-Sudan (Porta dos Pretos) situa-se em frente às lojas e oficinas dos ferreiros, e atualmente perto da extremidade ocidental da Via dei Biscottari (DE SIMONE, 2000a, p. 92)

<sup>57</sup> Bab al-Hadid (Porta de Ferro) de onde sai para o Harat al-Yahud. Segundo DE SIMONE (2000a, p. 93-94), fica entre a Via dell'Università e Via Maqueda, em frente a Via del Calderai.

<sup>58</sup> Harat al-Yahud (o Bairro dos Judeus) estava na depressão do rio Kemonia, fora da Bab al-Hadid e, portanto, fora das muralhas de *al-Qasr al-qadim*, onde atualmente correm a Via Maqueda e Via Lattarini (*Suq al-'attarin*, o Mercado das Especiarias), talvez parte do *Harat Masjid ibn Siqlab*. A sinagoga (*keneset* ou *miskita*>árabe *masjid*) se encontrava mais perto do rio Kemonia. Em contraste a *al-Qasr al-qadim*, o *harat al-Yahud* formava um *rabad* (periferia) não fortificado. Todavia, entre os séculos 11 e 12, o crescimento de Balarm foi tão grande que Harat al-Yahud (e outros bairros) já estava dentro das novas muralhas. O andaluz Benjamin de Tudela afirma que em 1172, portanto em época normanda, havia 1500 (famílias ? de) judeus nesse bairro. Após a expulsão dos judeus em 1492, foi construída a igreja de San Nicolò de Tolentino no lugar da sinagoga. (D'AGOSTINO, 2018).

<sup>59</sup> Perto de Bab al-Hadid, havia uma outra porta, a qual não tem nome, construída por Abu l-Husayn, de onde sai para o Harat abi Hamir (*Gamin* em Ibn Hawqal (AMARI, 1880). De Simone (2000b) sustenta que a nona porta, sem nome, mencionada por Ibn Hawqal e pelo autor de *Kitab Ghara'ib al-funun wa mulah al-'uyun* pode ter sido Bab al-Hajjarin, construída por Abu al-Husayn Ahmad ibn Hasan.

<sup>60</sup> Ibn Hawqal e o autor de *Kitab Ghara'ib al-funun wa mulah al-'uyun* enumeraram nove portas. Todavia, o mapa do manuscrito mostra doze portas de *al-Qasr al-qadim*, três a mais: Bab al-Bi'r (Porta do Poço); Bab Suq al Dajaj (Porta do mercado das galinhas); Bab al-Hajjarin (Porta dos Talhadores de Pedra). Embora no texto não haja a localização de Bab al-Bi'r e Bab Suq al Dajaj, presume-se pelo mapa a localização da primeira estivesse entre a Bab al-Shifa e a Bab Santagata, enquanto a localização da segunda entre Bab al-Bahr e Bab al-Hadid; pode ser a nona porta mencionada por Ibn Hawqal. Segundo De Simone (2000a, p. 94), Bab al-Hajjarin fica ao norte da Via Schioppetieri e ela também pode ser a nona porta mencionada por Ibn Hawqal, construída por Abu l-Husayn Ahmad.

<sup>61</sup> Parece que essa frase é originária do autor anônimo. O desenvolvimento de Balarm, lento sob os aglábidas (831- 903 EC) e acelerado sob os fatímidas (910-948 EC) e kalbidas (948-1040 EC) transformou o formato da cidade: o mapa revela a cidade de Balarm em formato redondo, evidência das alterações através da construção de bairros, ou seja, o progresso urbano sob a égide islâmica.

<sup>62</sup> O autor de *Kitab Ghara'ib al-funun wa mulah al-'uyun* dá um exemplo do progresso urbano de Balarm quando menciona o novo bairro *al-Ja'fariyya*, com 10,000 casas, ou uma população de c. 45,000 pessoas. Nenhuma fonte literária, nem Ibn Hawqal (AMARI, 1880), menciona esse bairro. Porém, o oitavo emir kalbida, *Ja'far ibn Abu al-Futuh Yusuf ibn 'Abd Allah, alcunhado Taj al-Dawlah (Coroa da dinastia) (998-1019 EC)*, conhecido como grande construtor (por exemplo, do *Qasr Ja'far*, o palácio fora de Balarm, transformado por Rogério II em Favara ou Maredolce, mencionado por Ibn Jubayr, em 1184) pode ter sido lembrado no nome do bairro *al-Ja'fariyya*. Em outras palavras, c. 1020, havia outro bairro na cidade de Balarm além daqueles mencionados por Ibn Hawqal.

10. A água potável do lugar chamado al-Jarbiyya<sup>63</sup> vem da nascente de ‘Ayn al-Hadid, onde há uma jazida de ferro que pertencia aos aglábidas<sup>64</sup>.

11. [Balarm] tem muitos jardins e pomares aguados somente pela água da chuva, mas não irrigados, como se encontra na Síria e em outros lugares<sup>65</sup>.

12. A grande parte da água da cidade é pesada. A inteligência de seus habitantes é comprometida por causa da grande quantidade de cebolas que comem; são muito poucos os que não comem<sup>66</sup>.

13. Os astrólogos afirmam que [quando] o signo de Leão surge obliquamente, ele exerce, apesar de sua reputação benéfica, uma influência maléfica, de modo que todos os países sob sua influência são difíceis de governar pelo emir. O Leão domina Samarcanda, Ardabil, Meca, Damasco e a Sicília<sup>67</sup>: esses países não estão em sintonia como os seus governantes nem os governantes com eles.

<sup>63</sup> Há escassa informação segura sobre as nascentes ‘Ayn al-Hadid (Sambucha ?) e a localidade chamada Jarbiyya (Ocidente), colocadas hipoteticamente ao longo do vale do rio Kemonia, perto de Molara-Sambucia.

<sup>64</sup> Autores clássicos, como Diodorus Siculus, escreveram sobre as riquezas de minérios da Sicília. Ibn Hawqal e o autor de *Kitab Ghara'ib al-funun wa mulah al-'uyun* usam termos conotando fabricação de produtos de metais em *al-Qasr al-qadim* (Bab al-Sawdan, Bab al-Hadid, ‘Ayn al-Hadid). Registram uma mina de ferro pertencente a um membro da tribo dos aglábidas, perto da aldeia Balhara (talvez Monreale) e uma área rica em jardins, hortos, pomares e água que jorrava para o Wadi ‘Abbas (o rio Oretto) (AMARI, 1880; PORSIA, 1989). Os sítios mais antigos se encontram nas áreas montanhosas, perto dos bosques do Genoardo onde se produziam ou consertavam ferramenta para a agricultura e para atividades bélicas. Todavia, pouco se sabe sobre fontes, técnicas, organização, modos de produção de minérios na Sicília islâmica (CORRETTI, 2009).

<sup>65</sup> Esse parágrafo é uma síntese do texto de Ibn Hawqal onde se refere aos pomares, jardins e plantações em redor de Balarm, irrigados pela chuva ou por um sistema canalizado (AMARI, 1880, p. 23). Como cidade litorânea, Balarm ocupa uma posição geográfica extremamente favorável do ponto de vista climático e hídrico. Os cronistas árabes, especialmente al-Muqaddasi (AMARI, 1880) no século 10, mencionam que Balarm era circundada por fontes d’água e por tubulações de barro (*qadus*), os quais levavam água potável à cidade. Os árabes também introduziram o *qanat* (sistema de canais de irrigação) que direcionavam a água de um aquífero para irrigar as plantações, os hortos e os jardins (*gannat al-ard*) da elite islâmica palermitana (futuramente as *solatia* dos normandos). Os *bir* (poços de boca quadrada) se localizavam em al-Qasr al-qadim, nos bairros e nas casas, para uso doméstico. Havia outros tipos de *bir*, com boca retangular para a acomodação das *saniya*, ou engenhos de duas rodas, através das quais puxava água dos poços para a superfície, a armazenava em *gabiya* (reservatório) e irrigavam os hortos e os pomares (TODARO, 1986; TODARO, 1989).

<sup>66</sup> Essa afirmação do autor de *Kitab Ghara'ib al-funun wa mulah al-'uyun* e de Ibn Hawqal sobre a água pesada é surpreendente, já que análises químicas e organolépticas modernas provam a boa qualidade das águas subterrâneas ao redor de Palermo (LOFRANO et al. 2013). Como logo em seguida o autor anônimo, copiando Ibn Hawqal, escreve sobre a pouca inteligência dos sicilianos devido à cebola que praticamente todos ingerem em excesso, pode-se dizer que esse juízo não é uma conclusão científica sobre a água subterrânea de Palermo, mas um reflexo da péssima ideia que os dois autores fatímidas tinham dos sicilianos sunitas. Ou seja, a sua ideologia religiosa infirmava até objetos físicos.

<sup>67</sup> Imitando Claudio Ptolomeu, muitos geógrafos árabes medievais registravam a influência das constelações e dos astros sobre a terra e seus habitantes. Seguindo os ensinamentos de Abu Ma’shar (1994), o autor de *Kitab Ghara'ib al-funun wa mulah al-'uyun* escreve sobre as casas oblíquas (*mu'wagg al-tulu'*) do Zodíaco. Apesar de o signo do Zodíaco do Leão (*al-asad*) seja benéfica, ele tem uma influência má sobre a população de algumas cidades contemporâneas consideradas rebeldes aos seus regentes. No caso da Sicília (no manuscrito, *wa-sifatihi*, porém, leia-se *wa-Siqilliyya*), parece que o autor está retratando a derrocada do poder central fatímida em Balarm e as guerras civis em toda a ilha, atribuindo essa decadência às forças sobrenaturais e não aos erros cometidos pelos fatímidas/kalbitas no governo do emirado da Sicília.

14. O continente [itálico] se estende de frente à Sicília: a quinze dias de viagem de Barca<sup>68</sup> até a Sicília<sup>69</sup>.

15. A Sicília foi saqueada por Habla, seguidor de al-Aglab ibn Salim<sup>70</sup>, o qual não conseguiu mantê-la, mesmo depois de ter feito cativos muitos bizantinos. Depois foi saqueada por al-Halfun, o berbere, que a conquistou nos tempos de al-Mutawakkil e mais vinte e quatro fortalezas da ilha. Após Halfun, al-Mufarrag ibn Sallam tentou de novo: construiu uma mesquita, mas foi assassinado pelos seus seguidores. Depois desse, um homem chamado al-Sawdan pediu a al-Mutawakkil<sup>71</sup> de lhe dar autorização, mas o califa foi assassinado antes que o enviado pudesse chegar. Foi a vez de ibn al-Aglab que a saqueou após a revolta dos negros contra ele, e depois de ter assassinado suas filhas, suas irmãs, seu filho, seus eunucos e seus parentes, além de cometer outros excessos. Avançou aproximadamente por quinze dias e conquistou Ak.s.na [Cosenza]<sup>72</sup>.

16. Mu‘awiya ibn Hudayg foi o primeiro a saquear a Sicília, nos tempos de Mu‘awiya ibn Abi Sufyan<sup>73</sup>. Depois foi a vez de al-Aglab ibn Salim, o qual conquistou vinte cidades, as quais ainda estão sob o poder dos muçulmanos até hoje. Durante o califado de al-Mutawakkil, Ahmad ibn Muhammad ibn al-Aglab conquistou Qasryannah<sup>74</sup> e Hasin Galiyana<sup>75</sup>. Na Sicília, ‘Abd Allah ibn

<sup>68</sup> Barqah é a região da Cirenaica, costa oriental da atual Líbia. Em *Futuh ‘al Buldan* [A conquista de muitas regiões], Al-Baladuri diz que “no lado ocidental, há uma região chamada a grande terra [*al-‘ard al-kabira*, a Itália], distante uns quinze dias de viagem de Barqah. Ali, no litoral, encontra-se a cidade de Baruh (Bari)” (AMARI, 1880, p. 269).

<sup>69</sup> Pode ser que o trajeto Barqah - Baruh fosse mencionado devido à frequência desse caminho entre o nordeste da África (os fatímidas já estavam no Cairo desde 970 EC) e os ‘emirados’ de Bari (847-871 EC) e Taranto (846-880 EC) (MUSCA, 1992), ou simplesmente para fazer razias em busca de butim e escravos. O capítulo 13 do mesmo manuscrito (f. 34a) contém um itinerário detalhado entre al-Mahdiyya (a primeira capital dos fatímidas) e Balarm.

<sup>70</sup> Como se sabe, o texto sobre a Sicília em *Kitab Ghara‘ib al-funun wa mulah al-‘uyun* é um resumo da descrição de Palermo por Ibn Hawqal. É um resumo confuso, cheio de erros e interpretações errôneas. Os parágrafos 15 e 16 do texto descreveriam a conquista da Sicília, parcialmente derivado de *Futuh ‘al Buldan*, de Al-Baladuri. Porém, o autor estranhamente confunde a história da conquista muçulmana da Sicília com o emirado árabe de Bari, no sul da Itália. O texto de al-Baladuri (mais tarde copiado por al-Athir) registra Habla (AMARI, 1880), *mawla* de al-Aglab, e os eventos dos três emires subsequentes: Khalfun al-Barbari (m. 852 EC), al-Mufarrag bin-Sallam (reinou entre 853 e 856 EC), assassinado pelos seus soldados, e Sawdan (reinou entre 857 e 865 EC). Quando Bari foi conquistada por Luís II (825-875) em 871, Sawdan foi levado prisioneiro a Benevento de onde foi libertado quatro anos depois.

<sup>71</sup> Al-Mutawakkil ‘ala Allah foi o califa abássida (847-861). Morreu antes de receber o emissário de Sawdan pedindo-lhe a posse como *amir* de Bari.

<sup>72</sup> A política de razias em toda a Calábria (e não apenas Cosenza) e no sul da península itálica chegou ao seu cúmulo com os eventos perpetuados pelo aglábida Ibrahim II ibn Ahmad (875-902), chamado de “especialista em assassinatos” por TALBI, 1966, p. 291.

<sup>73</sup> Incursões árabes contra a Sicília ocorreram durante todo o século 8 (METCALFE, 2012), antes da invasão em Mazara em 827 EC. Nesse parágrafo 16 de *Kitab Ghara‘ib al-funun wa mulah al-‘uyun*, há algumas alusões derivadas de al-Baladuri: “Dizem que Mu‘awiyah ibn Hudayg al-Kindi atacou a Sicília no tempo de Mu‘awiyah ibn Abi Sufyan [o califa omíada, 661-680 EC] e seria o primeiro muçulmano a empreender guerra. A partir desse momento, não cessaram as razias na Sicília. A dinastia de al-Aglab ibn Salim, o africano, conquistou mais de vinte cidades [da Sicília]. Atualmente a ilha pertence aos muçulmanos. Ahmad ibn Muhammad ibn al-Aglab, durante o califado do comandante do fiéis al-Mutawakkil ‘ala Allah [califa abássida, 847-861 EC] conquistou Qasr Yanah (Castrogiovanni ou Enna) e a fortaleza de Galyanah [Gagliano]. Al-Waqibi narra que ‘Abdallah ibn Qays ibn Muhallad al-Fazari assaltou a Sicília, fez [muitos] prisioneiros, roubou várias imagens de ouro e de prata, coroadas de pedras preciosas, e as mandou ao [califa] Mu‘awiyah, o qual as enviou a Bassora [Basra, Iraque] para que sejam vendidas na Índia, com grande lucro” (AMARI, 1880, p. 269).

<sup>74</sup> Qasryannah é Castrogiovanni ou Enna.

<sup>75</sup> Hasn Ghalyana foi uma fortaleza muçulmana construída em 883 no estuário do rio Garigliano, ao sul de Gaeta, no contexto da política de razias à Calábria, registradas com grande amargura pelos cronistas bizantinos e latinos. Foi a partir dessa fortaleza que os bandos muçulmanos atacavam os mosteiros de San Vincenzo di Voltorno e de

Qays ibn Muhallad al-Raqqi se apoderou de imagens de ouro e prata, coroadas de pedras preciosas, e os enviou a Mu'awiya<sup>76</sup>.

17. O ascendente [da Sicília] é o Leão e o Mestre da Hora é a Lua. Sua distância de Alexandria, para o oeste, é de uma hora, um terço e a metade de um sétimo<sup>77</sup>. O numero máximo de horas de luz durante o dia mais longo é quatorze horas e três quartos<sup>78</sup>. Sua circunferência é de quinhentas milhas. A sua imagem se encontra em baixo<sup>79</sup>.

[Segue-se o mapa da Sicília]

## Referências

AMARI, Michele. *Biblioteca arabo-sicula I*. Torino: Ermanno Loescher, 1880.

AMARI, Michele. *Biblioteca arabo-sicula II*. Torino: Ermanno Loescher, 1881.

AMARI, Michele. *Storia dei musulmani di Sicilia*. Firenze: Felice le Monnier, 1854.

BRESC, Henri. Les jardins de Palerme. In *Mélange de l'École Française de Rome, Moyen Age*, v. 84, n. 1, 1972, p. 55-127.

CAMERATA SCOVAZZO, Rosalia. Delle antiche cinte murarie di Palermo e di altri rinvenimenti archeologici effettuati tra il 1984 e il 1986. In: *Panormus II*, Palermo, 1990, p. 95-104.

CASAMENTO, Aldo. *La rettifica della strada del Cassaro a Palermo*. Palermo: Flaccovio, 2000.

CASSATA, Giovanna; COSTANTINO, Gabriella. *Le porte di Palermo attraverso i secoli*. Palermo: Épos, 1981.

COLLINS, Roger. *Keepers of the keys of heaven: A History of the Papacy*. New York: Basic Books, 2009.

CORRETTI, Alessandro. Entella: Scavi 1997-2001. In *Kókalos*. Università di Palermo, v. 47/48, n. 2, 2009, p. 647-656.

CRAWFORD, Francis Marion. *The Rulers of the South: Sicily, Calabria and Malta*. London: Macmillan, 1900.

---

Montecassino (METCALFE, 2012). Hisn Ghalyana foi destruída em 915 EC após a batalha entre os muçulmanos e o exército do papa João X (COLLINS, 2009).

<sup>76</sup> Desde Diodorus Siculus sabe-se da produção de minérios e pedras preciosas na Sicília como também do artesanato siciliano. A menção desses artefatos não apenas confirma os dados clássicos, mas também revela um dos subprodutos do *jihad* muçulmano em terras sicilianas e na Calábria.

<sup>77</sup> Conforme o *Almagesto* de Ptolomeu (1813) a distância entre Alexandria e a Sicília é de uma hora e dezessete e quarenta e dois avos de uma hora equinocial, ou seja 21,07 graus oeste.

<sup>78</sup> A luminosidade máxima revela a latitude da Sicília.

<sup>79</sup> A partir desse ponto, o autor anônimo reproduz o seu mapa original da Sicília em duas páginas, totalmente diferente do de al-Idrisi (em suas três versões, Paris, Oxford e Sofia) ou de qualquer outro mapa islâmico da ilha. A soma das medições, em milhas árabes, entre os picos das montanhas e a circunferência fica menos de que as 500 milhas árabes fornecidas no texto.

- D'AGOSTINO, Francisco. *La Meschita: il-quartiere hebraico di Palermo*. Palermo: Palòs, 2018.
- D'ANGELO, Franco. Il racconto del cassaro nella città vecchia. In *Salvare Palermo*, v. 33, 2012, p. 12-13.
- D'ANGELO, Franco; ZORIC, Vladimir. *La Città di Palermo nel Medioevo*. Palermo: Officina di Studi Medievali, 2002.
- DE SIMONE, Adalgisa. Descrizione di Palermo di Ibn Hawqal. In: LA DUCA, Rosário. *Historia di Palermo: Dal tardo antico all'Islam*. Palermo: Épos, 2000b, p. 115-127.
- DE SIMONE, Adalgisa. Palermo araba. In: LA DUCA, Rosário. *Historia di Palermo: Dal tardo antico all'Islam*. Palermo: Épos, 2000a, p. 77-113.
- DI STEFANO, Carmela Angela. *Di terra in terra*. Nuove scoperte archeologiche nella provincia di Palermo. Palermo: Museo archeologico regionale di Palermo, 1991.
- DIODORUS SICULUS. *Library of History*. Translated by Francis Walton. Cambridge MA: Harvard University Press, 1957.
- HALM, Heinz. *The Empire of the Mahdi: The rise of the Fatimids*. Translated by Michael Bonner. New York: Brill, 1996.
- JOHNS, Jeremy. *Arabic Administration in Norman Sicily: The Royal Diwan*. Cambridge: CUP, 2007.
- JOHNS, Jeremy. Una nuova fonte per la geografia e la storia della Sicilia nell'XI secolo: il *Kitab Ghara'ib al-funun wa mulah al-'uyun*. In: *Mélange de l'École Française de Rome, Moyen Age*, v. 116, n. 1, 2004, p. 409-449.
- LOFRANO, Giusy; CAROTENUTO, Maurizio; MAFFETTONE, Roberta; TODARO, Pietro; SAMMATARO, Silvia; KALAVROUZOTIS, Ioannis K. Water Collection and Distribution Systems in the Palermo Plain during the Middle Ages. In: *Water*, n. 5, 2013, p. 1662-1676. doi:10.3390/w5041662.
- LUNGO, Ruggero. Bab al-Abna, Sant'Andea in Kemonia e l'ingresso normanno del Palazzo Reale di Palermo. In BORDI, Giulia; CARLETTINI, Iole; Fobelli, Maria Luigia; MENNA, Maria Raffaella; POGLIANI, Paola (ed.). *Officina dello Sguardo: Scritti in onore di Maria Andaloro*. Roma: Gangemi Editore, 2014, p. 91-96.
- MA'SHAR, Abu; BURNETT, Charles; YAMAMOTO, Keiji, YANO, Michio. *The Abbreviation of the Introduction to Astrology, together with the Medieval Latin Translation of Adelard of Bath*. Leiden: Brill, 1994.
- MAURICI, Ferdinando. *Breve storia degli arabi in Sicilia*. Palermo: Flaccovio, 1995.
- MAURICI, Ferdinando. *Castelli medievali in Sicilia, dai Bizantini ai normanni*. Palermo: Sellerio, 1992.
- METCALFE, Alex. *The Muslims of Medieval Italy*. Edinburgh: EUP, 2012.

MUSCA, Giosuè. *L'emirato di Bari*. Bari: Dédalo, 1992.

OLDFIELD, Paul. *Sanctity and Pilgrimage in Medieval Southern Italy, 1000-1200*. Cambridge: CUP, 2017.

PORSIA, Franco. Minieri e minerali. In: MUSCA, Giosué (ed). *Uomo e ambiente nel Mezzogiorno normanno-svevo*. Bari: Dédalo, 1989, p. 241-271.

PTOLOMEOS, Claudios. *Mathematike Syntaxis*. Paris: Henri Grand, 1813.

RAPOPORT, Yossef; SAVAGE-SMITH, Émilie. *An Eleventh-Century Egyptian Guide to the Universe: The Book of Curiosities*. Leiden: Brill, 2014.

SPATAFORA, Francesca. In: *Mélange de l'École Française de Rome, Moyen Age*, v. 116, n. 1, 2004, p. 47-78.

TALBI, Mohammed. *L'émirat aghlabide, 184-296/800-909*. Paris: Adrien-Maisonneuve, 1966.

TODARO, Pietro. I qanat del Palmeritano. In: *In Binos Actus Lumina*. Ravenna: Agorà, 2002, p. 7-20.

TODARO, Pietro. L'aqua dei qanat di Palermo. In: *Archeologia Viva*, v. 5, n. 6. Firenze, 1986, p. 35-55.

TODARO, Pietro. Utilizzazione del sottosuolo di Palermo in età medievale. In *Palermo medievale: Atti dell'VIII Colloquio Medievale*. Palermo: Officina de Studi Medievali, 1989, p. 109-128.